

O IR E VIR KANHGÁG¹ EM SÃO LEOPOLDO-RS (1996-2016)²

EL IR Y VIR KANHGÁG EN SAN LEOPOLDO-RS (1996-2016)

Maira Damasceno

Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - CAPES
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
maira_dms@hotmail.com

Resumo: Este artigo pretende pensar a relação contemporânea dos Kanhgág com a cidade de São Leopoldo e sua população. Desde 1996 os Kanhgág circulam pela cidade e em 2007 formaram uma *ëmã*³, fixando moradia na Estrada do Quilombo, bairro Feitoria. O objetivo aqui é compreender o que pensam os Kanhgág sobre a proximidade com a cidade e também o que os fóg conhecem sobre esse grupo ameríndio. Para isso, foram realizados questionários semi estruturados com moradores diversos da cidade e também da *ëmã*. Este estudo demonstrou que, para os “não índios” o desconhecimento sobre a temática indígena é muito grande, e que a maior fonte de informações a respeito chega, ainda que precariamente, através das escolas. Para os Kanhgág, viver em cidades têm pontos positivos e negativos. Chegou-se a conclusão de que é fundamental que a cidade conheça e reconheça os Kanhgág, para que assim, possamos conviver e aprender mutuamente.

Resumen: Este artículo pretende pensar la relación contemporánea de los Kanhgág con la ciudad de São Leopoldo y su población. Desde 1996 los Kanhgág circulan por la ciudad y en 2007 formaron una *ëma*, fijando vivienda en la Carretera del Quilombo, barrio Feitoria. El objetivo aquí es comprender lo que piensan los Kanhgág sobre la cercanía con la ciudad y también lo que los fóg conocen sobre ese grupo ameríndio. Para ello, se realizaron cuestionarios semi estructurados con residentes diversos de la ciudad y también de la *ëmana*. Este estudio demostró que para los “no índios” el desconocimiento sobre la temática indígena es muy grande, y que la mayor fuente de informaciones al respecto llega, aunque precariamente, través de las escuelas. Para los Kanhgág, vivir en ciudades tienen puntos positivos y negativos. Se llegó a la conclusión de que es fundamental que la ciudad conozca y reconozca a los Kanhgág, para que así podamos convivir y aprender mutuamente.

Palavras-chave: Kaingang; São Leopoldo; Índio Urbano; Relação Étnicorracial.

Palabras clave: kaingang, Sao Leopoldo, indígena urbano, Relación Étnicorracial.

Introdução

Após a promulgação da Constituição de 1988 os povos indígenas do Brasil tiveram, pela primeira vez, sua cultura reconhecida e protegida pela lei. Antes disso vigorava a Lei nº6001 promulgada em 1973, que ficou conhecida como “Estatuto do Índio” e propugnava que eles deveriam “se aculturar”, isto é misturar-se a população e deixar de ser índio conforme as práticas ocidentais fossem minando sua cultura até ela não existir mais. Conforme Diego Severo:

Antes da promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988 os índios eram considerados “naturalmente incapazes” pelas legislações existentes. Os indígenas eram tutelados pelo Estado brasileiro e só se emancipavam caso se sentissem preparados, caso se emancipasse não seriam vistos mais como índios e sim como cidadãos “normais” o objetivo dessa política era bem claro criar mecanismos para que os índios se aculturassem totalmente e deixassem de reivindicar seus

1 Este termo significa kaingang e foi emprestado do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, de Dorvalino Refej Cardoso (2014), professor bilingue Kaingang/Português. Preferi este termo por ser em língua kaingang e, por isto, mais expressivos para o que se propõe neste trabalho, além de proporcionar uma oportunidade de exercitar a alteridade.

2 Parte revisada de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para colação de Grau na Unidade de Graduação em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em 2015/2.

3 Alguns termos em kanhgág presentes no trabalho são emprestados da dissertação de Diego Severo (2014) que utiliza grafias como *ëmã* (aldeia), *wãre* (acampamento provisório), *fóg* (homem branco).

Da mesma maneira que o uso do termo Kanhgág, preferi estes por serem mais expressivos para o que se propõe neste trabalho. Aparecerão no trabalho outras grafias para o termo, oriundas das transcrições de terceiros.

direitos, o estado dessa maneira praticava um genocídio por meio da lei. (2011, p.7).

Um dos direitos mais valorizados pelos *kanhgág* é o que está assegurado pelo 5º artigo da Constituição, inciso XV: “é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”.

Os *kanhgág* contam a Diego Severo (2014) que cada vez que acampavam em alguma cidade para comercializar seu artesanato, as autoridades municipais tentavam enviá-los de volta para as suas “terras de origem” ou aldeias grandes, como chamam as áreas demarcadas no norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Utilizavam para isto, o argumento que os índios já possuíam suas terras demarcadas limitando sua mobilidade. Esta dinâmica territorial baseada em deslocamentos periódicos faz parte de sua cultura tradicional e conforme apontou Severo (2014), também devemos considerar que os *kanhgág* relatam viver em condições precárias em suas aldeias grandes. Por isto é que, muitas vezes, as deixam para vender artesanato nas cidades do entorno.

(...) em Nonoai, o cacique José Lopes, quando os kaingang viajavam para comercializar seus artesanatos e decidiam viver acampados no local, munido de um caminhão da Funai, “recolhia” os ameríndios e retornavam para a área. Vivendo sempre embaixo de lona, dentro e fora da área, a sol e chuva. Afirmou que tais atitudes são como [...] tratar as pessoas como animais, como gado, tirar de um cercado e encaminhar para outro’ (Relato de Nën Tãnh a Diego Severo. In: SEVERO, 2014, p.64/65).

Com o direito de “ir e vir” garantido após 1988, o *kanhgág* munido de direitos para buscar o respeito a seus modos de viver e sua cultura saem para as cidades em busca de renda na forma de clientes para seu artesanato.

Dá-se início então, a uma nova configuração nas suas relações com o território e com os “não índios”. Passamos a conviver com os chamados “índios urbanos”. Ana Elisa de Castro Freitas abordou este tema desde o campo da Antropologia Social com a Tese intitulada “Mrur Jykre - a cultura do cipó: territorialidade Kaingang na margem leste do Lago Guaíba, Porto Alegre, RS”. Segundo ela, no fim da década de 1980 os *kanhgág* iniciaram sua busca por terras em áreas urbanas de Porto Alegre, sendo daí apelidados de “índios urbanos”:

A alcunha “índios urbanos” ou ‘índios desaldeados’ foi assim empregada tanto por agentes governamentais e não governamentais, indígenas e não indígenas, em distintos espaços sociais voltados a elaboração de políticas públicas de caráter indigenista no município (FREITAS, 2005, p. 274).

No caso dos *kanhgág*, este fenômeno foi impulsionado pela busca por melhores condições de continuar a viver do seu modo. Em “Um Estudo sobre Indígenas Kaingang em Áreas Urbanas no Rio Grande do Sul” (2013) de autoria de Emeli Lappe e Luis Fernando Laroque, são apresentados os ambientes urbanos como espaços de reterritorialização *kanhgág*

O tema dos índios urbanos vem sendo estudado há algum tempo por especialistas de áreas diversas. É o caso, por exemplo, do trabalho de Vanderleia Mussi que analisou o caso dos índios Terena em Campo Grande. Neste estudo, “Questões indígenas em contextos urbanos: outros olhares, novas perspectivas em semoventes fronteiras” (2011) são discutidas as maneiras que os Terena, em meio urbano, constroem sua etnicidade e desenvolvem estratégias de inserção nessa sociedade.

Cláudia Aresi na Dissertação de Mestrado em Geografia “Transformações culturais e território: o kaingang da Reserva Indígena de Serrinha – RS” discorre sobre a relação entre a cultura e o território *kanhgág* da Terra Indígena (TI) da Serrinha na cidade de Sarandi, RS.

Sobre a *ëmã Põr Fi Ga*, especificamente, encontramos os trabalhos de Dorvalino Refej Cardoso, intitulado “Aprendendo com todas as formas de vida do planeta educação oral e educação

escolar kanhgág” (2014) onde discute a educação oral indígena e a valorização de novas formas de ensinar. “Entre cestos e colares, faróis e parabrísas: crianças kaingang em meio urbano” (2010). Esta dissertação de Serviço Social de Marinez Garlet, pesquisa as relações das crianças kanhgág, o trabalho e as cidades. A autora já trabalhava como assistente social na época em que os kanhgág chegaram à cidade; havendo entrevistas suas nos jornais da época, sobre a situação dos indígenas. Para ela é preciso que os indígenas tenham suas especificidades respeitadas. Por sua vez, Emeli Lappe em sua monografia de Conclusão de Curso (2012) contribui com a discussão acerca da relação entre territorialidade e natureza no espaço urbano para os kanhgág. Marília Lazzari em sua monografia de Especialização em História, Comunicação e Memória do Brasil, intitulada “Comunidade Kaingang Por Fi: indígenas no espaço urbano e o olhar da imprensa (São Leopoldo, RS, 1996/2009)” (2010), apresenta um panorama sobre o imaginário da imprensa e de parte da sociedade leopoldense sobre o estabelecimento contemporâneo dos kanhgág na cidade. Ela conduz o trabalho por meio da análise de reportagens e discursos de cidadãos. Encontramos, também, trabalhos que foram produzidos na área da Educação.

Kátia Simone Dickel em “Experiências interculturais: estudantes kaingang numa escola não indígena” (2013) acompanha a experiência dos kanhgág nas escolas não indígenas. Segundo ela “é necessário romper com a ideia de que a interculturalidade é somente para os indígenas” (2013, p.85) no sentido de ouvirmos mais o que os kanhgág têm a dizer e contribuir, nesse caso para a educação.

Por fim, Diego Severo através dos trabalhos “Educação indígena em São Leopoldo: Processos educativos formais e não formais entre os índios kaingang”(2011) e “Educar, viver, trabalhar: os significados do fazer artesanatos entre os kaingang da Ëmã Por Fi Ga” (2014) analisa processos contemporâneos de educação e trabalho sob a ótica dos kanhgág. Seu objeto de atenção no primeiro trabalho são os processos formais e não formais na educação kanhgág e posteriormente na Dissertação, os significados do artesanato para os kanhgág. Para este autor a escola na aldeia tem papel fundamental na conservação e reprodução de seus conhecimentos tradicionais e demonstra que a escola, como instituição formal, está lentamente se adequando às necessidades reais dos indígenas, mas há ainda um longo processo a ser trilhado. Em sua dissertação de mestrado, Severo discorre sobre a significação do fazer artesanato para o kanhgág. Segundo ele,

Ao passar a viver nas cidades de grande e médio porte, os ameríndios passam a estabelecer outros vínculos com a população circundante. Os objetos fabricados, além de atenderem a necessidades internas, são a forma de “permanecer” ameríndio em relação ao fóg, mesmo que este não entenda desta forma (2014, p.107).

A forma como os indígenas “reinventam” condições de viver de acordo com sua cultura referenda o acerto da afirmação de Manuela Carneiro da Cunha segundo a qual, “hoje se sabe que as sociedades indígenas são parte de nosso futuro e não só de nosso passado” (1992, p.22). Buscar compreender de que forma as culturas indígenas se transformam é um importante desafio aos historiadores e antropólogos.

Assim, os principais objetivos desse trabalho acerca os *kanhgág* contemporâneos de São Leopoldo são:

- Refletir sobre os valores contemporâneos dos *kanhgág*, a partir deles próprios
- Compreender as relações entre a dinâmica dos *kanhgág* e a cidade de São Leopoldo
- Conhecer a opinião dos *kanhgág* sobre a relação entre sua cultura e a proximidade com a cidade de São Leopoldo
- Conhecer o que os *fóg* da cidade sabem a respeito dos *kanhgág* da cidade.
- Desmistificar a imagem de “índios aculturados” das populações que vivem perto das cidades.

O trabalho foi realizado com suporte de entrevistas semi estruturadas realizadas com os *kanhgág* da aldeia Põr Fi Ga situada no bairro Feitoria e também com não indígenas de diversos bairros de São Leopoldo cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

As entrevistas ocorreram entre 29 de outubro e 08 de novembro de 2015 e atingiram um

grupo de 26 pessoas. As entrevistas foram realizadas sem identificação do nome dos envolvidos. Foi mantido apenas dados sobre idade, sexo e ocupação para preservar os indivíduos e incentivar os relatos. Na escolha dos “informantes” foram utilizados os seguintes critérios:

- Moradores da *ëmã Põr Fi Ga* (11): Procurou-se ouvir moradores além das lideranças que geralmente são mais comunicativas e têm relatos presentes em diversos trabalhos. Os moradores da *ëmã* são bem reservados e tímidos.
- Moradores não indígenas de São Leopoldo (15): Buscou-se ouvir a opinião de moradores [8] não indígenas do Bairro Feitoria, além de alunos universitários de cursos que não fossem da área das Humanidades [3]. Por fim, moradores de outros bairros da cidade [4].

O que conhecem os fóg sobre os Kanhgág?

Nessa parte serão apresentados resultados dos questionários aplicados entre alguns moradores não indígenas da cidade de São Leopoldo. Buscou-se analisar, a partir dos discursos, quais conhecimentos essas pessoas têm sobre os povos indígenas do Brasil e da cidade. Cada subtítulo corresponde à pergunta realizada no questionário. Foram realizados 15 questionários com moradores de São Leopoldo com idades que variaram de 12 a 65 anos. Segundo os critérios estabelecidos na introdução, a amostra foi realizada de forma anônima (sem revelar os nomes) com:

- Oito moradores do Bairro Feitoria que têm suas casas próximas a *ëmã Põr Fi Ga*, não distanciando dela mais que duas quadras. Suas idades variam entre 12 e 62 anos e suas respectivas ocupações são: estudante ensino fundamental, vidraceiro, cuidadora de idosos, vendedor, estudante ensino médio, lojista, do lar e aposentado.
- Três estudantes universitários cursando arquitetura, engenharia civil e direito respectivamente. Suas idades variam entre 20 e 21.
- Quatro moradores de São Leopoldo com idades variando entre 16 e 65 anos com as seguintes ocupações: operadora de máquina fotocopadora, estudante de ensino médio, gerente de suporte e professora aposentada.

O que você conhece sobre os povos indígenas?

De modo geral as respostas a essa questão foram pobres, o que denuncia o grande desconhecimento da população a respeito dos povos indígenas, suas histórias e contribuições para a nossa formação como brasileiros.

Separaram-se as informações para a confecção do gráfico conforme o que foi mais citado nas respostas. Das 15 entrevistas realizadas, quatro pessoas declararam que não sabiam nada a respeito dos povos indígenas, todos moradores do bairro Feitoria, justamente o local onde está a aldeia *kanhgág*. As pessoas que declararam saber pouco a respeito dos índios ficaram divididas entre os universitários (2) e os moradores do Bairro Feitoria (2). Entre as respostas também encontramos duas pessoas que lembraram que viam os índios em programas e jornais na TV, falando sobre protestos dos índios de hoje em dia ou como eles viviam (no passado).

A Escola ou a Universidade são a maior fonte de informação que os entrevistados possuem sobre a temática indígena, mas todos são enfáticos ao dizer que foi um conhecimento insuficiente. Do total dos entrevistados que declararam ter algum conhecimento sobre os povos indígenas através da escola ou da universidade, dois são moradores do Bairro Feitoria, dois são universitários e quatro são moradores de outros bairros.

Uma pessoa declarou conhecer os índios da Feitoria por ser morador antigo do local e amigo de diversos índios. Outro entrevistado, morador de “outros bairros”, declarou conhecer os índios de Tramandaí que vendem artesanato no verão. E por último, um entrevistado declarou saber que os índios foram os primeiros habitantes do Brasil.

Em uma série de vídeos produzidos pela TV Escola, canal oficial do Ministério da Educação brasileiro, intitulado: “Índios no Brasil – Quem são eles?”⁴ fica evidente a grande ignorância na fala dos “não índios” oriunda da falta de conhecimento e convivência com os povos indígenas. Mesmo

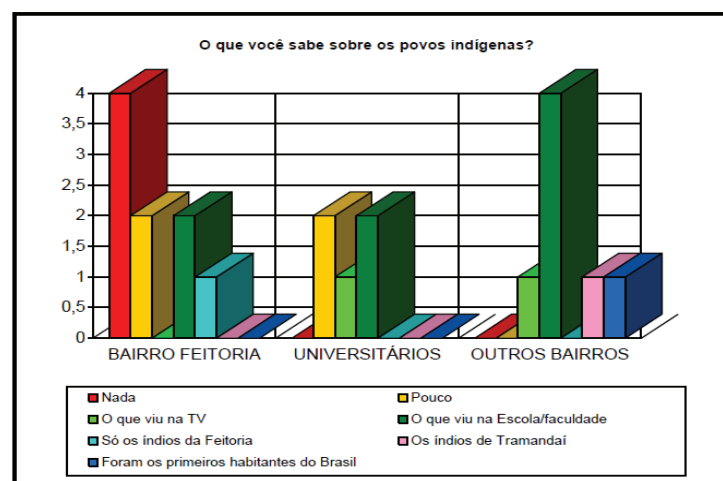
4 Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/indios-no-brasil-quem-sao-eles>> Acesso em Junho/2017 às 10h

resultado foi constatado nos dados aqui analisados que confirmam em parte, o desconhecimento sobre a temática indígena na cidade de São Leopoldo, entre os entrevistados de diversas faixas etárias e meios sociais, tanto do passado quanto da atualidade. Também aponta a escola como grande difusora desse conhecimento, porém ainda precariamente.

Ao aprender a história do Brasil, muitas vezes a população indígena é retratada com discriminação, como um povo relacionado a atraso, preguiça e selvageria. Com isso, o contexto atual dessas etnias acaba ficando de lado. Neste episódio, integrantes das tribos Krenak(MG), Kaxinawá (AC), Ashaninka (AC), Yanomami (RR), Pankararu(PE) e Kaingang (SC) conversam sobre o assunto, mostrando seus pontos de vista sobre a forma que são tratados na sociedade. (TVESCOLA, *Índios no Brasil – Quem são eles?*, 1999)

Através destes resultados confirmamos o papel fundamental da escola para que velhas concepções sejam esquecidas e substituídas por noções mais abrangentes em termos culturais. Quando conhecemos o outro, aprendemos a respeitá-lo. A grande questão é **de que maneira** conhecê-lo **sem incidir** os mesmos erros, perpetuando o engano.

Gráfico 1 - O que você sabe sobre os povos indígenas?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

O que você conhece sobre as comunidades kanhgág?

Essa questão foi formulada para perceber se os entrevistados reconheceriam os *kanhgág*, ou o que saberiam a respeito deles. O que pude perceber com as análises é que a maioria dos entrevistados tem dificuldade em reconhecer as peculiaridades das populações indígenas, os tratando de forma genérica.

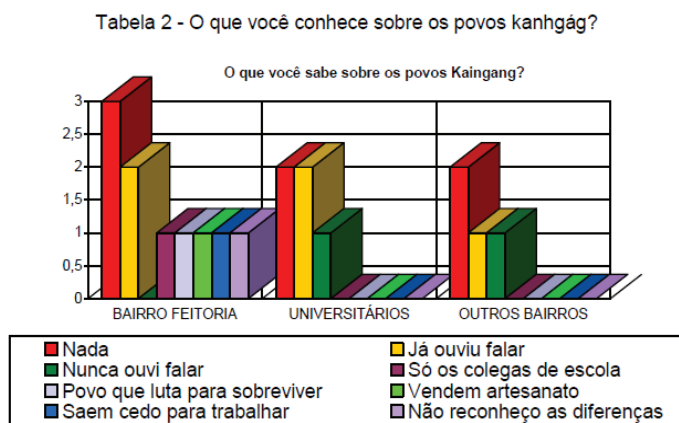
Dos entrevistados que responderam não conhecer nada sobre os *kanhgág* encontramos três citações entre os moradores da Feitoria, duas entre os universitários e duas entre os moradores de outros bairros.

Houve entre os entrevistados quem não conhecia nada, mas já tinha ouvido falar dos *kanhgág*. Entre essas pessoas nos deparamos com dois moradores da Feitoria, dois universitários e um morador de outro bairro. Entre os que alegaram nunca ter ouvido falar nos *kanhgág*, um universitário e um morador de outro bairro.

No bairro Feitoria, com uma citação cada, foi dito que os *kanhgág* saem cedo para trabalhar, pois o entrevistado os encontrava no ponto de ônibus todo dia. Foi dito que os *kanhgág* vendiam artesanato, também que era um povo que lutava para sobreviver. Um entrevistado reconheceu que

não sabia sobre as peculiaridades de cada grupo indígena, e outro entrevistado relatou que tem colegas *kanhgág*.

Gráfico 2 - O que você conhece sobre as comunidades *kanhgág*?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Novamente fica claro, a partir das análises, o desconhecimento da população sobre o tema indígena. Apesar do índice alto de quem declarou não conhecer nada a respeito dos *kanhgág*, muitos já tinham ouvido falar. Os melhores resultados vieram dos moradores do bairro Feitoria, onde foi constatado que nenhum entrevistado alegou nunca ter ouvido falar dos *kanhgág*.

O que você conhece sobre os *kanhgág* que moram na cidade?

Nessa questão, três moradores do bairro Feitoria declararam saber que os *kanhgág* “bebiam” e brigavam entre si, reclamando da situação.

O primeiro entrevistado relatou que só bebia duas cervejas por dia e não ficava caindo como os índios. Relatou ainda que ligou para a polícia diversas vezes e se mostrou chateado pelo fato dos índios serem protegidos pela Lei diferentemente das outras pessoas, o que impedia a polícia de agir energeticamente, segundo ele. Porém, narrou ter presenciado pelo menos uma vez atos violentos contra os indígenas da Feitoria.

Outro entrevistado declarou que devia ter uma Lei que proibisse somente os índios consumirem bebida alcoólica, sendo que ele próprio estava exalando um cheiro forte de álcool. A falta de conhecimento é notória quando um dos entrevistados, que diz nunca ter entrado na área da *ëmã*, diz que os índios deveriam trabalhar, pois viviam de cestas básicas da FUNAI e não faziam mais nada, o que contraria estas informações que foram colhidas por Diego Severo, ao longo de seis anos de convivência:

Economicamente, os *kaingang* da *ëmã Por Fi Ga* têm seu sustento de empregos públicos na área, como agente de saúde, professores, cozinheira e auxiliar de serviços gerais. Muitos jovens trabalham na construção civil, outros como comerciantes ambulantes, ou em supermercados, etc. Uma atividade recorrente entre os homens são as colheitas realizadas nas cidades serranas, entre elas Vacaria, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, onde passam em média três semanas, e a renda fica em torno de mil a mil e quinhentos reais, além da alimentação e do local para dormir. Apesar dessas atividades econômicas, o comércio de artesanatos é, contudo, central, pois mesmo os *kaingang* com renda fixa, professores e agentes de saúde, complementam a renda com

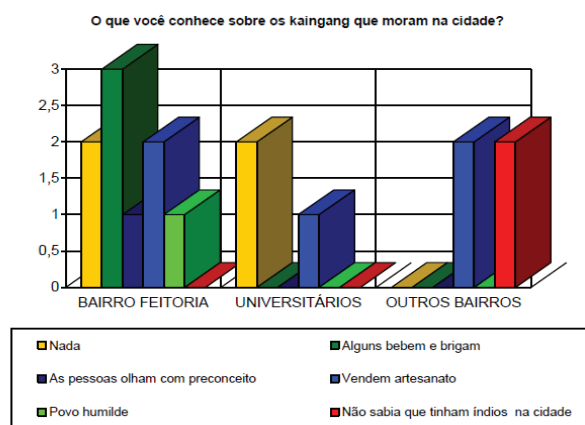
os artesanatos. O grupo recebe cestas básicas da Funai e da Sesai, a primeira fornecendo três vezes ao ano e a segunda, duas. (2014, p.94/95)

Felizmente, apesar do desconhecimento geral sobre o tema indígena, somente três entrevistados, ou seja, 20% da amostra foram negativos em suas declarações.

O item mais lembrado e relacionado aos *kanhgág* foi a venda de artesanatos. Dois moradores de outros bairros, dois moradores do bairro Feitoria e um universitário declararam conhecer que os eles vendem artesanato. Quatro entrevistados declararam que não conheciam nada dos *kanhgág* que moravam na cidade, dois moradores do bairro Feitoria e dois universitários. Dois moradores de outros bairros declararam desconhecer o fato de existirem índios na cidade. E entre os moradores do bairro Feitoria, um entrevistado declarou que os “não indígenas” olhavam com preconceito para os *kanhgág*; outro declarou que os *kanhgág* eram um povo humilde.

Gráfico 3 - O que você conhece sobre os *kanhgág* que moram na cidade?

Tabela 3 - O que você conhece sobre os *kaingang* que moram na cidade?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Apesar de três entrevistados demonstrarem certo preconceito quanto aos *kanhgág*, a maioria reconhece que não têm conhecimento sobre a temática indígena e admite que só sabe o que aprendeu na escola, mas de maneira insuficiente. As respostas mais reveladoras são a dos moradores da Feitoria.

O que você acha das populações indígenas que moram perto das cidades?

Acredita que isso ajuda ou atrapalha no cotidiano deles?

Os resultados aqui aparecem em dois gráficos para ficar mais fácil a visualização das informações.

Nesse gráfico estão os dados sobre o que acham os “não índios” a respeito da proximidade dos índios com as cidades. Dois entrevistados que moram no bairro Feitoria, dois universitários e um morador de outro bairro, declararam não saber o que os indígenas queriam: ir para o interior ou ficar na cidade.

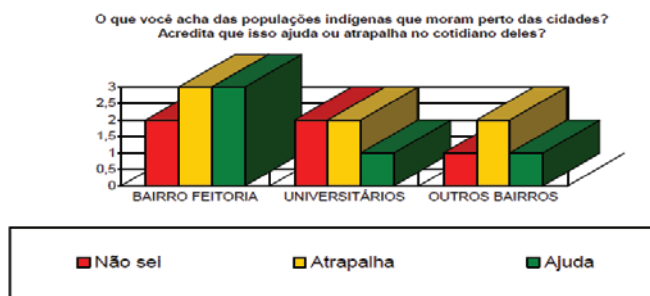
Responderam que a proximidade com a cidade atrapalha: três moradores do bairro Feitoria, dois moradores de outros bairros e dois universitários. Por fim, os entrevistados declararam que a proximidade com a cidade ajuda: três moradores do bairro Feitoria, um morador de outro bairro e um universitário.

Gráfico 4 - O que você acha das populações indígenas que moram perto das cidades? Acredita que isso ajuda ou atrapalha no cotidiano deles?

que os indígenas queriam: ir para o interior ou ficar na cidade.

Responderam que a proximidade com a cidade atrapalha: três moradores do bairro Feitoria, dois moradores de outros bairros e dois universitários. Por fim, os entrevistados declararam que a proximidade com a cidade ajuda: três moradores do bairro Feitoria, um morador de outro bairro e um universitário.

Tabela 4 - O que você acha das populações indígenas que moram perto das cidades? Acredita que isso ajuda ou atrapalha no cotidiano deles?



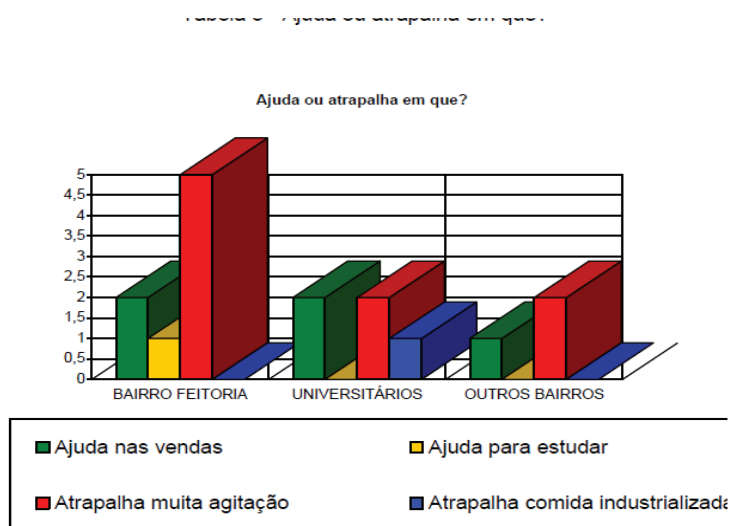
Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Aqui foram expostos os dados a respeito do que os entrevistados citam como fator que ajuda ou atrapalha os indígenas que moram próximo às cidades.

Entre esses fatores, o que se destacou foi o fato de cinco moradores do bairro Feitoria, dois moradores de outros bairros e dois universitários, declararam acreditar que a proximidade com a cidade atrapalha no cotidiano dos indígenas pelo fato de haver muita agitação na cidade. Alegaram que a proximidade com a cidade auxilia nas vendas de artesanatos: dois moradores do bairro Feitoria, dois universitários e um morador de outros bairros.

Um entrevistado morador do bairro Feitoria afirmou acreditar que a proximidade com a cidade auxiliava os indígenas a estudar; outro entrevistado universitário declarou que acreditava que o que atrapalharia indígenas perto da cidade seria um declínio de sua saúde já que os ameríndios teriam mais contato com comidas industrializadas, o que contrastava com a comida mais natural que estavam acostumados.

Gráfico 5 - Ajuda ou atrapalha em que?



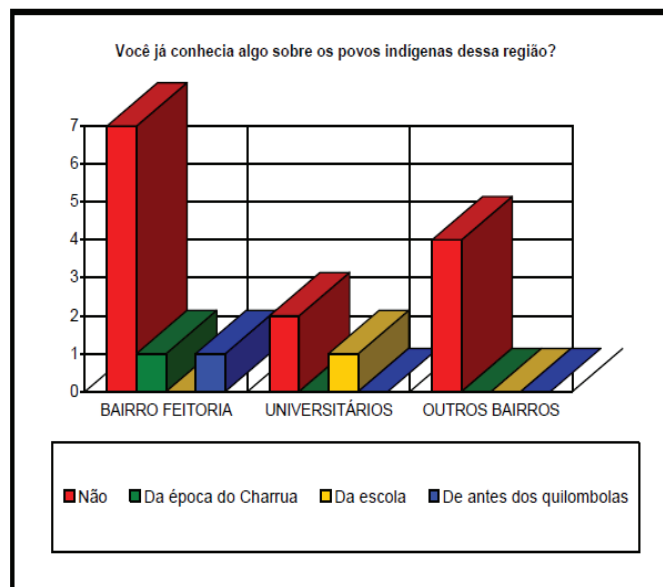
Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

De modo geral as opiniões foram ponderadas e positivas, mas o desconhecimento sobre o tema indígena se sobressai. Percebe-se que as pessoas ficam confusas ao serem questionadas sobre esse tema. Algumas pedem desculpas por não saber muito, outras olham como se nunca tivessem pensado a respeito e talvez não tivessem mesmo, mas a maioria se esforçou em parar um instante e refletir sobre a questão.

Você já conhecia algo sobre os povos indígenas dessa região?

Nessa questão o grande desconhecimento sobre a temática indígena regional fica bastante claro quando sete entrevistados do Bairro Feitoria, dois universitários e quatro de outros bairros declaram que nada sabiam a respeito dos povos indígenas. Um morador da Feitoria declarou conhecer histórias sobre os índios nessa região desde antes dos quilombolas e um entrevistado universitário declarou ter aprendido algo sobre os índios dessa região na escola, mas muito pouco.

Gráfico 6 - Você já conhecia algo sobre os povos indígenas dessa região?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Através destes questionários pode-se constatar que entre a maioria dos entrevistados há falta de conhecimento sobre os povos indígenas e suas particularidades. As pessoas têm a tendência de generalizar e ainda tem aquela velha noção de povos que se aculturam ao ter contato com os “não índios”. Como se a cultura fosse fixa e eles estivessem presos ao passado. Percebi também o desconforto dos entrevistados ao se darem conta que sabiam pouco sobre a temática indígena e boa vontade para pensar no assunto por alguns minutos e responder as questões.

O que pensam os Kanhgág?

Nessa parte serão apresentados os resultados obtidos com a aplicação dos questionários realizados entre alguns moradores da ãmã Põr Fi Ga, em São Leopoldo. Buscou-se a visão dos *Kanhgág* sobre as questões relacionadas à sua proximidade com a cidade. Cada subtítulo corresponde à pergunta realizada. Foram realizados 11 questionários com moradores da ãmã, com idades que variaram de 13 a 52 anos. Segundo os critérios estabelecidos, a amostra foi realizada de forma anônima (sem revelar os nomes), indicando apenas a ocupação, idade e sexo dos entrevistados. Todos eram bilíngues, e entre suas ocupações, além do artesanato que apresentam em comum, também eram professores (2), trabalhadores da construção civil (4), estudantes de ensino médio (2) e exclusivamente artesãos (3).

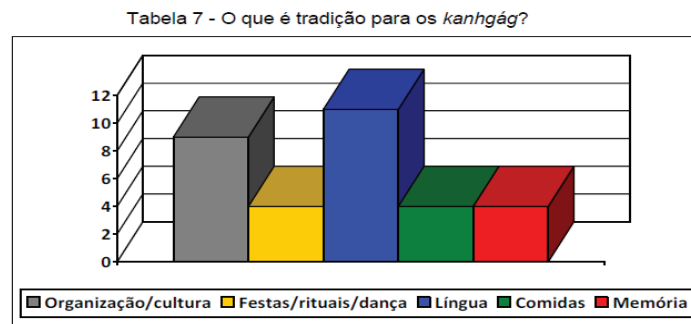
O que é tradição para os *kanhgág*?

Segundo o grupo *Kanhgág* entrevistado, a língua é o mais forte expoente de sua tradição, sendo citada por todos como tal. Logo depois, citada por nove entrevistados, está a organização e cultura *kanhgág*. Nesse sentido um dos entrevistados disse que garantir a organização com base na irmandade, na crença e na memória dos antepassados, é ser *Kanhgág*. “Se não tiver organização”, segundo ele, não é mais índio.

Os itens *Festas/rituais/dança*, *Comidas* e *Memória* foram lembrados por quatro pessoas como tradição *kanhgág*. Todos estes aspectos são valorizados pelos moradores da *ëmã Põr Fi Ga*. Sempre que têm oportunidade, os membros da aldeia

abrem a comunidade para os “não índios” os conhecerem. Exemplo disto ocorre nas festas comemorativas que são realizadas todos os anos nas áreas *kanhgág* reunindo índios e “não índios” de todas as partes do Estado.

Gráfico 7 - O que é tradição para os *kanhgág*?



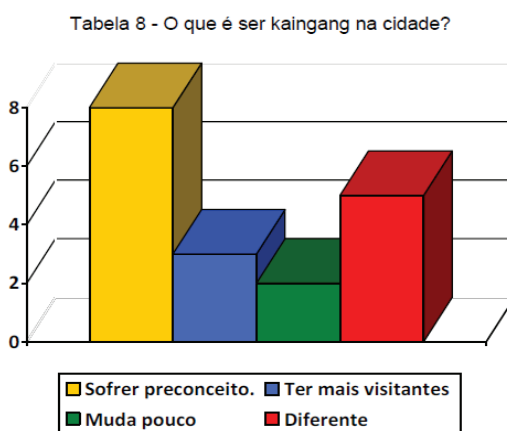
Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Para os *kanhgág*, segundo as entrevistas, a tradição está ligada principalmente em falar a língua dos antepassados e na forma de organização e cultura deles. Segundo alguns *kanhgág* a organização baseada nas metades, na irmandade, na sabedoria e no compartilhamento, é ser *kanhgág*. Além de garantir a unidade e a lembrança dos antepassados, para os *kanhgág* a tradição também é lutar por seus direitos e comer as comidas dos antigos, com receitas passadas de geração em geração, assim como a memória.

O que é ser *kaingang* na cidade?

Aqui estão expostas as impressões sobre ser *Kanhgág* na cidade a partir dos dados coletados nas entrevistas com os moradores da *ëmã*. O preconceito dos “não índios” foi o item mais associado às cidades pelos *Kanhgág*. Oito entrevistados referiram-se a esse termo como algo constante em suas vidas na cidade. Cinco entrevistados disseram ser diferente morar na cidade, relataram existir aspectos positivos e aspectos negativos, que veremos adiante, nessa relação, mas que não deixavam de ser *Kanhgág* como algumas pessoas achavam. Dois entrevistados relataram que a vida não muda muito ao vir para a cidade, também mencionando algumas facilidades e dificuldades. Outros três participantes relataram que nas cidades, as *ëmã* recebem mais visitantes do que no interior.

Gráfico 8- O que é ser kaingang na cidade?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Segundo os *kanhgág* entrevistados, o preconceito os acompanha na cidade, porém relatam que já foi pior, que hoje são mais respeitados que antigamente, mas ainda há muito desconhecimento sobre eles. Por isso, o fato de ter mais visitantes na cidade do que no interior foi lembrado por três entrevistados que dizem ser positivo o convívio com os *fóg* desde que se respeitem as diferenças, que é bom demonstrar a cultura, como vivem, como obtêm a renda para viver. Os que responderam ser diferente morar na cidade apontaram questões como a confusão de fonemas entre o português e o *Kanhgág* para aqueles que precisam se comunicar muito em língua não indígena; ou porque algumas pessoas acham que eles não são mais índios, que índio tem que estar no mato; que o jeito do *fog* se comportar na cidade é diferente. Os que disseram que muda pouco se referiram as dinâmicas da comunidade, pois segundo um entrevistado, é preciso andar mais para achar matéria prima de qualidade na cidade do que no interior. No que diz respeito à sua identificação como *kanhgág* dizem não mudar nada, pois a organização e a língua são mantidas.

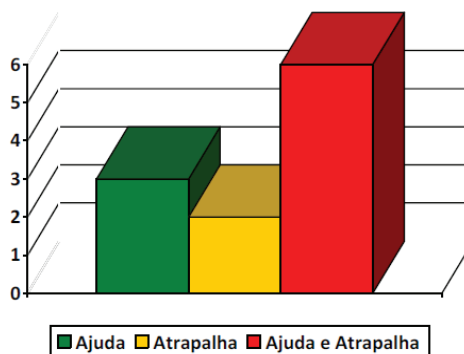
Morar perto da cidade ajuda ou atrapalha?

Para três entrevistados, a cidade “ajuda”. Isto é, eles entendem que a proximidade com a cidade os auxilia já que não tem mais como viver da maneira dos antigos, não tem mais mata para sobreviver e tirar o sustento. A cidade nesse sentido é benéfica, pois origina mais oportunidades de sobrevivência, como vender os artesanatos e estudar, por exemplo. Para dois entrevistados ela atrapalha, pois segundo eles o convívio com os *fóg* não é bom; e para seis existem lados positivos e negativos na proximidade com a cidade. Os que compreendem que viver na cidade traz problemas se referem a questões como o preconceito sofrido, os perigos das drogas e do álcool ou o fato das crianças terem que frequentar a escola dos *fóg* depois do 6º ano devido à escola da *ëmã* ainda não ter estrutura necessária para expandir. Os que verificam aí problemas e oportunidades entendem que assim como a cidade é boa para comercializar, para lutar pelos direitos e conviver, respeitando as diferenças, também devem cuidar os perigos já mencionados.

Gráfico 9 - Morar perto da cidade ajuda ou atrapalha?

a cidade é boa para comercializar, para lutar pelos direitos e conviver, respeitando as diferenças, também devem cuidar os perigos já mencionados.

Tabela 9 - Morar perto da cidade ajuda ou atrapalha?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

O que podemos constatar é uma relação equilibrada dos *kanhgág* com a cidade. Eles conhecem e usufruem os benefícios ao mesmo tempo em que identificam o que não os faz bem e evitam, trabalham preventivamente contra o que os pode atingir. É claro que em todo lugar existem exceções, o que é natural, pois ninguém é igual.

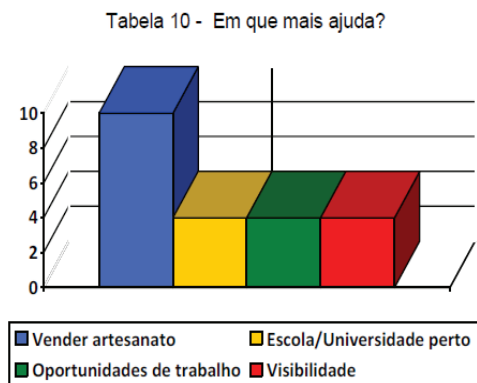
Em que mais ajuda? Em que mais atrapalha?

Para 10 entrevistados a venda de artesanatos é o principal atrativo nas cidades. Como já vimos o artesanato tem significados mais do que o que estaria implicado num âmbito meramente econômico. Realmente, ele também é um momento de sociabilidade entre o grupo e está ao centro dessa comunidade, como nos informa Diego Severo:

Homens e mulheres sentam-se juntos, formando um semicírculo, cercados de lascas de taquara por todos os lados, penduradas em varais, sendo pintados, cipós amontoados em torno de uma pessoa prestes a virar alguma arte: casinha de passarinho, sacola, cesto, bolinha, galinha, etc. O material mais utilizado nesses objetos é o cipó São João. As crianças, que passam circulando por todos os espaços da *ëmã*, sentam junto aos pais e, observando-os, imitam os movimentos do trançado com o cipó, raspam taquaras com facas...E, assim, destruindo e construindo, elas aprendem o fabrico no cotidiano (2014, p.91/92).

Os mais jovens relatam como benéficas as oportunidades de trabalho existentes nas cidades e a proximidade física das escolas já que não é preciso ir muito longe para estudar. A visibilidade mencionada por quatro entrevistados diz respeito às pessoas conhecerem os *Kanhgág*, para assim não terem mais preconceitos. Pelas palavras de um dos entrevistados, só damos valor ao que conhecemos; é por isso que é positivo que os “não índios” os conheçam para assim os respeitarem.

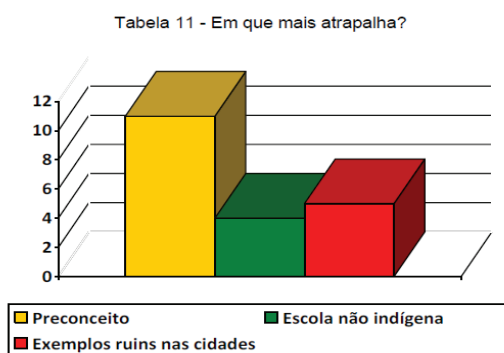
Gráfico 10 - Em que mais ajuda?



Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Sobre o que atrapalha em morar na cidade, todos os entrevistados se referiram ao preconceito sofrido pelo desconhecimento dos “não índios” sobre sua cultura. As questões referentes às escolas não indígenas foram ditas por quatro entrevistados. Dois se referiram ao fato da escola fora da ã atralhar as crianças, pois são metodologias muito diversas. E outros dois entrevistados relataram que atralha o fato das professoras *fóg* não se interessarem na outra língua que eles falam. Isso é um grande problema para os jovens *Kanhgág* que passam dificuldades em escolas que não os compreendem em suas especificidades como a condição bilíngüe e a oralidade. Dorvalino Refej Cardoso em seu Trabalho de Conclusão de Curso (2014) de Pedagogia aponta possibilidades para a educação indígena diferenciada valorizando a tradição oral na produção e difusão de conhecimento. Para os *Kanhgág*, outro ponto fraco das cidades são os “exemplos ruins” e entre esses eles citam drogas, álcool e a ganância.

Gráfico 11 - Em que mais atralha?



Verificamos através das entrevistas que a tradição para os *Kanhgág* está ligada, sobretudo a falar a língua dos antepassados e a forma de organização, que para eles representa o ser *kanhgág*. Nesse caso, ser índio é garantir a organização e memória dos antigos. Relacionada à tradição, para os *kanhgág*, também estão os

Fonte: DAMASCENO, M. (2015)

Verificamos através das entrevistas que a tradição para os *Kanhgág* está ligada, sobretudo a falar a língua dos antepassados e a forma de organização, que para eles representa o ser *kanhgág*. Nesse caso, ser índio é garantir a organização e memória dos antigos. Relacionada à tradição, para os *kanhgág*, também estão os conhecimentos sobre ervas, danças, festas, comidas, matérias primas, animais e tudo que é repassado de geração em geração, como a memória. Em suas impressões sobre morar na cidade os *kanhgág* relatam como maior o preconceito com que os *fóg* os tratam

por desconhecerem sua realidade e suas particularidades como grupo *Kanhgág*. Contam também sobre o que acreditam ser positivo nessa proximidade, como a venda de artesanato, transporte acessível às escolas e universidades, visibilidade para que os *fóg* os conheçam, ter acesso aos seus direitos. Mas nunca se esquecendo de ficar atentos aos malefícios que além do preconceito, podem ser os filhos estudando em escolas não indígenas, ou exemplos ruins como as drogas e o álcool. Todos estes são fatores que conforme os *Kanhgág* os auxiliam ou atrapalham na vida na cidade, porém nada disso afeta, segundo eles, sua identidade *kanhgág*, pois ser *kanhgág* é se organizar e falar como um *kanhgág*. O que atrapalha mesmo, segundo eles, são os fatores externos à *ëmã*, como a pouca compreensão dispensada aos modos de viver *kanhgág*. Desde o retorno deste grupo *kanhgág* a São Leopoldo em meados da década de 1990, como vimos dando continuidade às tradições de seus antepassados de circular pelo vasto território que detinham. Confirmando seus movimentos de ir e vir assim como no passado que saíam em busca do sustento, na forma de caças, hoje os *kanhgág* igualmente saem em busca do sustento, mas agora através da venda de artesanato: “As viagens realizadas pelos *kanhgág* para o comércio dos artesanatos têm duração média de três semanas. Após esse tempo retornam para a *ëmã*. Tal deslocamento em busca do sustento remonta às viagens realizadas antes do contato com o invasor europeu.” (SEVERO, 2014, p.45). Ou seja, a busca pela sobrevivência foi adaptada pelos *kanhgág* à nova realidade para que assim continuassem a viver ao seu modo.

A reclamação de alguns moradores da *ëmã* sobre a escola não indígena ser ruim para as crianças *kanhgág* me remete às reclamações dos padres do século XIX que entre as dificuldades de catequese narravam o fato de alguns pais *kanhgág* não permitirem que seus filhos frequentassem as aulas católicas (RAMOS, 2006, p. 186). A educação indígena é diferenciada, pois valoriza referências diferentes da educação formal como a oralidade e o aprendizado prático. Nesse sentido os *kanhgág* também resistem adaptando a educação formal aos seus modelos de educação, assim, compreendemos a luta em exigir uma escola com os próprios referenciais. Além, de dar continuidade as tradições dos antigos que serão ensinadas na escola, como a língua e a memória se adequam a Lei que os obriga a estudar, porém respeitando seus modos de organização.

Mesmo em condições extremamente adversas, estes grupos mantiveram sua circulação pelo território, suas práticas rituais e sociais. Muitos outros grupos procuraram refúgio em áreas florestadas distantes das zonas já ocupadas. Outros saíram do aldeamento de Nonohay, como os grupos ligados a Fongue, procurando locais ainda não ocupados, mas procurando inserir-se nas atividades produtivas locais, garantindo sua subsistência através de roças ou da venda de seu artesanato (2006, RAMOS, 2006 p.198/199)

Esse trecho se refere aos *kanhgág* do século XIX, mas poderia ser sobre os *kanhgág* contemporâneos que igualmente em condições adversas mantiveram, sobretudo sua organização, adaptando os novos contextos às suas necessidades.

Conclusões

Pode-se afirmar que desde o ano de 1996, na cidade de São Leopoldo, observamos os *kanhgág* contemporâneos realizando um tradicional movimento de “ir e vir” na busca de seu sustento. Esse movimento é configurado como tradicional, pois faz parte da organização *kanhgág* há muito tempo. Assim como no passado os *kanhgág* saíam de suas moradas em busca de caça e sobrevivência, ainda hoje também o fazem, porém o sustento se dá de forma diferente. A época que estamos vivendo é peculiar para os *kanhgág*. Há um reflorescer para eles próprios. Estas movimentações contemporâneas que somos testemunhas são especiais no sentido dos *kanhgág* estarem dando continuidade a tradições que na verdade nunca foram completamente abandonadas. Vimos através do trabalho de Aline Francisco o relato de padres presentes nos aldeamentos no século XIX que confirmam as intensas saídas dos *kanhgág* dos aldeamentos, seja para outros ou para antigos locais de morada. Mesmo durante o século XX havia trânsito entre os aldeamentos. Porém foi somente após a Promulgação da Constituição de 1988 que os *Kanhgág*

conseguiram circular por áreas maiores do que aquelas dos aldeamentos. Contribuiu também o fato da população indígena ter aumentado consideravelmente nos últimos anos fazendo com que os espaços ficassem menores e mais conturbados, levando alguns à procura por espaços mais propícios.

A população indígena brasileira passou de duzentos e noventa e quatro mil no ano de 1991 para oitocentos e dezessete mil indivíduos em 2010⁵ o que é uma taxa de crescimento alta se comparada à população não indígena.

Através da opinião dos “não índios” pudemos constatar que o desconhecimento sobre a temática indígena é muito grande, porém também constatamos que a escola é a maior fonte das informações existentes entre os entrevistados. É fundamental que se atualizem os ensinamentos proferidos em sala de aula para assim facilitar as relações entre os *kanhgág* e os *fóg*, pois não raramente a escola é a única fonte de informação sobre a temática indígena. Não podemos mais perpetuar a imagem caricata dos indígenas, eles não estão somente nos livros, mas sim na realidade. Após anos de uma política de segregação onde aos indígenas não era permitido circular livremente pelo território, já passou da hora de convivermos e respeitarmos os modos de viver de cada um.

Os *kanhgág* mostram-se mais abertos nesse sentido, querem que os *fóg* os conheçam e parem de ter preconceito. Como disse um dos entrevistados *kanhgág* “é muito bom estar integrado e respeitando as diferenças” (Informação verbal)⁶.

Para os *kanhgág* viver na cidade tem lados positivos, como a facilidade de transporte, possibilidade de vendas e oportunidades para os mais jovens, porém existe também o lado negativo, que na fala deles sempre tem relação a fatores externos como drogas, álcool ou o fato das crianças precisarem estudar em escolas fora da *ëmã*.

Então, se pode dizer que a relação dos *kanhgág* com a cidade de São Leopoldo auxiliou a impulsionar a dinâmica desse grupo à medida que eles resistem adaptando os contextos diversos às suas necessidades dando um sentido próprio às transformações do tempo.

Segundo os moradores da *ëmã* entrevistados, para ser *kanhgág* é preciso garantir a organização, unidade e memória dos antepassados “organização *kanhgág* é ser *kanhgág*” (Informação verbal)⁷, enquanto houver organização baseada em irmandade, sabedorias, crenças e memórias haverá os *kanhgág*. Seja na cidade, no campo, na serra ou no litoral.

Referências

ALMEIDA, Maria Celestino de. **Metamorfoses indígenas**. Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

_____. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora /FGV, 2010.

_____. História e Antropologia. In: **Novos Domínios da História/org**. Ciro Flamarion/Ronaldo Vainfas. Ri de Janeiro, Ed.Elseiver, 2012. p.151-168

ARESI, Cláudia. **Transformações culturais e território**: o kaingang da Reserva Indígena de Serrinha – RS. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Geografia - Porto Alegre: UFRGS/PPGEA, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15273/000676187.pdf?sequence=1> Acesso em novembro 2014.

_____. O território kaingang como suporte identitário para a cultura kaingang. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, v.3, n. 5, p. 264-279, fev. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11840/6929> acesso em junho de 2017

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em

5 Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>> acesso junho 2017.

6 Informação coletada em entrevista com moradores da *ëmã* Põr Fi Ga na cidade de São Leopoldo em 07 de novembro de 2015

7 Informação coletada em entrevista com moradores da *ëmã* Põr Fi Ga na cidade de São Leopoldo em 29 de outubro de 2015

5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm acesso em novembro 2014.

BRASIL. Lei nº 6.001 (1973). Promulgada em 19 de dezembro de 1973. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm acesso em junho de 2017

BRASIL. Lei nº 12.394 (2011). Promulgada em 04 de março de 2011. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12394.htm acesso em junho de 2017

CARDOSO, Dorvalino Refej. **Aprendendo com todas as formas de vida do Planeta educação oral e educação escolar Kaingág.** Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1987.

EDUCAÇÃO, Ministério da. "Quem são eles? Índios do Brasil". Diretor: Vicent Carreli. [S.I.] Brasil: **TV Escola**, 1999. 17min34seg. Disponível em <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/indios-no-brasil-quem-sao-eles> acesso em 10.11.2015 às 22h

FRANCISCO, Aline Ramos. **Selvagens e intrusos em seu próprio território:** a expropriação do território Jê no sul do Brasil (1808-1875). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

_____. **Kaingág:** uma história das interações entre nativos e ocidentais durante a conquista e a colonização no sul do Planalto Meridional. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS, RS, 2013.

FREITAS, Ana Elisa de Castro. **MrurJykre:** a cultura do cipó – territorialidades Kaingang na bacia do Guaíba. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PPGAS – UFRGS, 2005.

GARLET, Marinez. **Entre cestos e colares, faróis e parabrisas:** crianças kaingang em meio urbano. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS, RS, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: População residente, segundo a situação do domicílio e condição de indígena – Brasil 1991/2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html> >acesso em 20.10.2015

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. **Os Kaingangues:** momentos de historicidades indígenas. In: KERN, Arno A.; SANTOS, Maria Cristina dos; GOLIN, Tau (Org.). Povos indígenas. Passo Fundo, RS: Méritos, 2009. cap. 3, p. 81-108 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, vol. 5).

MUSSI, Vanderleia. **Questões indígenas em contextos urbanos:** outros olhares, novas perspectivas em semoventes fronteiras. História Unisinos Vol. 15 Nº 2 - maio/agosto de 2011, PP. 206-215. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/htu.2011.152.07/505> acesso em out de 2015 as 15h

SEVERO, Diego Fernandes Dias. **Educação indígena em São Leopoldo:** processos educativos formais e não formais entre os kaingang. Trabalho de conclusão de curso Ciências Sociais, Unisinos, 2011

_____. **Educar, viver, trabalhar:** os significados do fazer os artesanatos entre os kaingang da Ëmã Por Fi Ga. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

WISNIEWSKI, Fernanda. **A terra indígena da Guarita – RS e o seu processo de formação.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – São Paulo: Editora ANPUH, 2011.